

## A Função do Dogma na Investigação Científica

Prof. Ms. Onorato Jonas Fagherazzi (IFRS/BG)

[onorato.fagherazzi@bento.ifrs.edu.br](mailto:onorato.fagherazzi@bento.ifrs.edu.br)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Paula Henning (FURG)

[paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

### Resenha:

**KUHN, Thomas. A Função do Dogma na Investigação Científica.** Curitiba: UFPR, 2012.

Publicado originalmente um ano após a obra monumental de Thomas Samuel Kuhn, a saber, *A Estrutura das Revoluções Científicas* de 1962. Como se sabe, essa obra foi impactante não apenas pelo seu conteúdo, mas pela reverberação de nova imagem científica. Ideia essa, pela qual chegou a ser considerada uma das bibliografias mais influentes do século XX, pelo jornal *The New York Times*.

Influenciado por Quine, Piaget, Fleck, e, especialmente por Koyré, se até a década de 60 a Filosofia e a História da Ciência estavam separadas, Kuhn irá aproximá-las de tal forma que identificará profunda proximidade entre ambas.

Também reconhecido como o filósofo histórico da ciência, apresentou-a a partir de uma estrutura de elementos pela qual ela deveria evoluir: há o estágio pré-paradigmático, o da ciência normal, o da crise do paradigma e o da revolução científica, pelo qual, a ciência alcança novos paradigmas. Mas como ela alcança esses novos paradigmas? Seria apenas pela continuidade dogmática de uma tradição científica? Eis que essa é a discussão presente nessa obra em questão apresentada em um único capítulo, com o mesmo título da respectiva obra em questão. Discussão essa, que inicia lembrando-nos de uma ideia de cientista como um pesquisador neutro, sem ideias preconcebidas em busca de novidades. Novidades encontradas em um laboratório no qual examina dados de modo metódico. Mas que se poderia resumi-lo nessa antiga imagem positivista? Já na última linha desse mesmo parágrafo, Kuhn (2012, p. 19)

adianta: “Ser científico é, entre outras coisas, ser objetivo e ter espírito aberto”. Mas o ser humano seria capaz de ser 100% objetivo ao fazer ciência sem se desprender de seus preconceitos, resistências e emoções? Ao que Kuhn (2012, p. 19) responderia:

Não é só com o seu trabalho de investigação que o cientista mostra a sua firme convicção sobre os fenômenos que a natureza pode produzir e sobre as maneiras as quais eles podem se encaixar com a teoria. Com frequência, as mesmas convicções evidenciam-se mais claramente ainda nas suas réplicas ao trabalho de outros cientistas.

Contudo, há, para o autor em questão, convicções que acompanham o trabalho do cientista. O cientista é convicto de suas ideias mesmo que outros possam não aceitá-las por causa de preconceitos ou resistências. Atributos assumidos até como virtudes pelos que querem a todo custo manter uma normalidade científica a todo preço. A ciência normal se mantém mais tempo quanto mais fortes eles forem. E, é pela educação científica que ficam estabelecidos de geração em geração dentro de determinadas tradições. Poder-se-ia assim pensar que o autor seria totalmente contra o dogma na investigação científica. Entretanto, como bom relativista, alega que não há como fazer ciência desprovida de total acaso. “Tem que existir algo que diga ao cientista onde procurar e por que procurar, [...] o paradigma que lhe foi fornecido com a sua educação de cientista” (KUHN, 2012, p. 46). E, exatamente em função da aprendizagem desse paradigma que passa a ter segurança em suas práticas de pesquisa.

Kuhn (2012) passa assim a desenvolvê-las e a projetar-se por suas reflexões em torno de seus problemas. É em torno dos problemas de pesquisa que os cientistas são ensinados para pensarem em torno de uma teoria, de uma tradição, mas ao mesmo tempo como responsáveis para superá-las quando elas não lhe dão mais garantias sólidas às respostas de tais questões. É inegável a presença de uma tensão que acompanha o ofício científico. Um ofício que precisa ser instruído por meio de um ensino. O ensino é o meio pelo qual a comunidade investigativa é introduzida ao conhecimento de uma cientificidade norteada por conceitos e métodos específicos.

Nas palavras de Kuhn (2012, p. 24), “a educação científica continua a ser uma iniciação relativamente dogmática a uma tradição preestabelecida de resolver problemas, para a qual o estudante não é convidado e não está preparado para apreciar”. Entretanto, apesar da importância dos conhecimentos de uma tradição, além da objetividade, há a necessidade da centralidade da inovação para a evolução da cientificidade. Além da objetividade, a cientificidade, entre outros atributos requer abertura de espírito. É dos focos de dificuldade que surgem as inovações mais

relevantes nas teorias já existentes. “Embora a investigação susceptível de ter êxito requeira uma adesão profunda ao *status quo*, a inovação continua a ocupar uma posição central” (KUHN, 2012, p. 56). Em outras palavras, se o dogma pode ser motivo de resistência, ele também é um fundamento sem o qual não se tem como fazer a ciência avançar. Ele é considerado inútil pelas últimas descobertas, mas sem ele não se teria chegado até as mesmas. Cabe ao investigador saber dosar sua justa medida a cada caso como melhor lhe convém frente às questões que melhor analisa.